

Marcas da cultura sertaneja, nas palavras da antropóloga Luitgarde Barros

Por Karina Janz Woitowicz¹

Conjugando vivências pessoais e interesse de pesquisadora, a professora Luitgarde Cavalcanti Barros é defensora da importância de questionar a história e de valorizar a cultura popular. Conhecida pelos seus estudos sobre o Nordeste, a antropóloga se empenhou em desmistificar a imagem heroica de Lampião, revelando contrastes com as memórias dos sertanejos. Em seus estudos nas áreas da Antropologia e das Ciências Sociais, oferece uma análise singular do cangaço e da cultura sertaneja, evidenciando aspectos do Brasil rural e marcas do catolicismo popular.



¹ Professora Dra. do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, coordenadora do Centro Folkcom de Pesquisas da UEPG.

Com 70 anos, a alagoana atua como pesquisadora desde 1967. Mestre e doutora em Ciências Sociais (PUC-SP), pós-doutora em Antropologia (UNICAMP) e em Ciência da Literatura (UFRJ), atualmente atua como professora adjunta da UERJ. Luitgarde é autora dos livros “Juazeiro do Padre Cícero: a terra da mãe de Deus”, “A derradeira gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão” – que recebeu indicação para o Prêmio Jabuti em 2000 -, “Arthur Ramos e as dinâmicas sociais de seu tempo”, entre várias outras coletâneas, capítulos de livros e artigos em periódicos especializados.

Com um jeito simples, sorriso discreto, posições firmes e interesse pelo universo da pesquisa, Luitgarde concedeu a presente entrevista à Revista Internacional de Folkcomunicação, por ocasião do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), realizado em Caxias do Sul/RS, em setembro de 2010.

Revista Folkcom: A senhora poderia fazer uma breve apresentação de sua trajetória pessoal e acadêmica?

Luitgarde: Sou alagoana, nascida em 1941, e fui para o Rio em janeiro de 1963, onde estudei Fisioterapia (1966) e Ciências Sociais (1968). Sou, portanto, da geração de 68. Em 1967 já dirigia uma clínica de fisioterapia em Niterói, quando iniciei como pesquisadora da UFRJ em Niterói. Em 1970, eu continuava com dupla profissão: de manhã eu era professora da UFRJ e de tarde era fisioterapeuta. Quando eu iniciei o mestrado em 1973 era em São Paulo, aí eu tive que escolher e fiquei antropóloga. Sempre fui apaixonada pelas crônicas de Raquel de Queiroz, e também li muito sobre a segunda guerra mundial. Eu tinha 12 anos e li o jornalista mais famoso da segunda guerra. Eu sempre me apaixonei muito pelo papel da comunicação de levar ao mundo as notícias, biografias, etc.

Eu segui minha vida de antropóloga, trabalhando muito em etnografia, e me especializei nos estudos de Nordeste. Então eu fiz o mestrado sobre catolicismo popular, Padre Cícero no imaginário do Nordeste, em 1980.

Revista Folkcom: O seu interesse de pesquisa veio, então, de sua origem...

Luitgarde: Quando era criança, minha região era duplamente percorrida pela presença constante dos beatos e romeiros de Padre Cícero e uma memória trágica da presença do cangaço. Porque o Lampião tinha passado no povoado da gente, em 1927, e tinha queimado uma casa, quebrado um relógio de carrilhão do meu avô, seqüestrado a minha mãe em troca de 10 contos de réis, e eu tinha isso na minha cabeça. Por isso que eu digo que na minha infância os romeiros do Padre Cícero eram constantes, e a memória do cangaço era a tragédia principal que se lembrava.

Revista Folkcom: Em que consiste o seu trabalho de desmistificar o Lampião como um herói do cangaço?

Luitgarde: Quanto eu vi, a partir da década de 60, a glamorização, a salvação do cangaço, eu resolvi fazer uma pesquisa, eu já pesquisava há 30 anos sobre isso, porque eu tinha muitos depoimentos. Aí rodei, caminhei a rota do cangaço, entrevistei 400 pessoas, e fui escrever sobre Lampião. E o Lampião que me apareceu era diferente do Lampião que a propaganda está criando, porque este eu nunca encontrei. Certos protetores ricos dele, ele era hóspede de governador, ele era um homem que servia a classe dominante, fora essa gente, que lucrou com o tráfico de armas, que lucrou com a corrupção de proteger Lampião, eu não encontrei um único sertanejo que gostasse do cangaço. Porque o cangaço é contra o trabalho. E o sertanejo é o trabalho. A honra do homem se dá pelo trabalho, a sobrevivência se dá pelo trabalho, o respeito se dá pelo trabalho, e Lampião matava para roubar. Então ele saqueou a economia sertaneja. Ele instaurou a miséria nos sertão com 22 anos. Eu fiz um trabalho no Rio sobre o fundador do Partido Comunista, Otavio Brandão. Ele, vereador em 1946, levanta o quanto de capital brasileiro se gastava com saúde e educação e eu fiz o levantamento dos bilhetes dos cangaceiros, o quanto retiravam de cada refém. Os cangaceiros reunidos recebiam mais dinheiro de saque do que o capital federal gastava em saúde e educação.

Revista Folkcom: E como foi trabalhar com um tema da cultura popular na universidade? Havia alguma barreira para estes estudos?

Luitgarde: Quando eu cheguei no Rio de Janeiro, eu enfrentei um problema muito sério de identidade, porque na Nacional de Filosofia era o ano da liberação total, mulher

sem calcinha, todo mundo ‘dando’, e eu cheguei com todos os critérios que eu tinha. A turma me chamava de jagunça, de beata do conselheiro. Não foi uma crise de identidade, porque eu tinha uma dúvida: se o mundo que eu tinha vivido era falsidade ou se a universidade era analfabeta sobre o interior do Brasil.

E comecei a me instrumentalizar com a missão de escrever voltando para a minha cultura, com o instrumental teórico universitário, para ver quem estava errado, se era minha formação ou a universidade. E logo me certifiquei que a universidade não conhecia o Brasil. Eu me sinto com a obrigação de escrever sobre o meu mundo e trazê-lo para a universidade, e me instrumentalizar teoricamente.

Com Gramsci, que era um pensador que comunicava o que pensava, entendi que toda teoria aprendida é para clarificar a realidade.

Revista Folkcom: E como você analisou os contrastes do Brasil rural e do Brasil urbano?

Luitgarde: Nasci em 1941, vivi a passagem de um Brasil camponês para um Brasil urbano e não digo que sofri por que vivi, eu não fui passiva nesta passagem. Fiz também, comigo mesma, esta passagem. Me metamorfoseei nesta urbanização da minha vida, da minha alma, e descobri que seria tanto mais urbana quanto mais sertaneja fosse. É assim que eu faço folkcomunicação.

Revista Folkcom: A senhora se reconhece fazendo folkcomunicação neste sentido?

Luitgarde: Eu não falo só do povo, eu falo muito sobre cultura popular. Mas vejo que os urbanos tem um engano. A classe dominante não estava fora da cultura popular. A classe dominante camponesa, diferentemente da classe dominante urbana, carregava o folk. Por exemplo, para aquelas condições do lugar, minha família era classe dominante. Mas a gente tomava água na casa dos vaqueiros, e a gente era muito amiga dos vaqueiros. As crianças, filhas dos fazendeiros, se criavam com os filhos dos empregados, e ouviam as histórias dos vaqueiros. Os homens, por exemplo, da minha família, tinham uma ambição muito grande que era ser bons vaqueiros. Esta é uma realidade folk... o maior fazendeiro queria ser o maior vaqueiro, ser tão valente como o mais valente de todos. Então é uma homogeneização cultural porque na minha

civilização, do boi e do couro, como chamou Capistrano de Abreu, tem que ser homem ou ser mulher. E não é ser homem da classe dominante e da classe dominada. É ter caráter, coragem, palavra, é não ter medo, é enfrentar desafios. Ser mulher é ter honra, é trabalhar, é não ter medo, enfrentar desafios. Então neste sentido eu discordo um pouco da teoria porque a palavra folk do alemão é povo. No sertão, as classes são camponesas.

Rede Folkcom: Em que se destaca, neste universo sertanejo, a riqueza da cultura popular?

Luitgarde: Eu me lembro do meu pai, do agrimensor chegando no meu povoado, eu muito pequena, e o agrimensor nervoso porque não conseguia traçar uma linha reta. Aí meu pai disse: você caminha até tal lugar, acende uma fogueira de madeira verde, acende outra em tal lugar e o vento sopra e a fumaça se encontra e faz uma linha reta. Isso é sabedoria popular. Do mesmo jeito que o irmão do meu pai, que era beato, tirava o sapato e caminhava em cima da brasa na fogueira de São João.

Eu aprendi muito e o que mais me espantava é que a cultura sertaneja de analfabetos é de uma oralidade erudita. Uma oralidade do medievalismo do descobrimento do Brasil. Por exemplo, eu tinha 5 anos quando ouvi falar de Camões. E quem falou foi um empregado da roça do meu pai que era repentista, analfabeto, quando dava seis horas eles voltavam da roça com a enxada para prestar conta do que fizeram. A gente dava cachaça a ele, para que ele cantasse para a gente, e um dia ele contou a história de Camões. Só que ele chamava “Camonge”.

Ele contava a história de que há muito tempo, bem longe, nas ‘Oropa’, tinha um poeta, que era o maior poeta do mundo, que se chamava “Camonge”. E que era cego de um olho. E esse “Camonge” muito velho, pois todo poeta morre pobre, na miséria, chega na beira do mar, morrendo, e cai na porta de uma mulher muito pobre, num rancho de palha, e a mulher bota ele em casa, com ele morrendo. A mulher fica desesperada porque não tem uma vela. Na cultura sertaneja, quando alguém está morrendo tem que acender uma vela e botar na mão, que é para iluminar o caminho para o céu. A mulher fica com muito medo porque não tem uma vela, então ela pega um montinho de terra, bota na mão do “Camonge” e bota uma brasa em cima. E ele olha para aquilo e diz: “Camonge morrendo, Camonge aprendendo.” O último ato de

aprendizagem dele é como substituir uma vela por um montinho de terra com uma brasa em cima.

Revista Folkcom: Por estes relatos, dá para perceber que a sua formação acadêmica é muito marcada pela cultura popular...

Luitgarde: A cultura folk que eu tive eu aprendi com um homem analfabeto no sertão. Eu adoro a arte culinária, do tempo da fartura da goiaba, todas as variações do preparo da goiaba. Enfim, eu gosto muito da minha cultura folk, porque ela me ensina muito da minha cultura erudita. E a minha cultura erudita me dá muito orgulho de ser folk, porque ela teoriza aquilo que eu fiz, que eu vivi. Por exemplo, quando eu vejo a vaidade universitária eu tenho muita vergonha, porque a gente é pago para ensinar e se aborrece quando os alunos fazem perguntas. A primeira pesquisa que eu fui fazer sobre Juazeiro de Padre Cícero eu parto do pressuposto antropológico. Embora eu seja sertaneja, eu sei que em cada lugar as frutas, os legumes, têm nomes diferentes. E eu cheguei para uma mulher e comecei a perguntar: “Como é o nome disso?” Ela ficou espantada, porque eu já era uma mulher adulta, e chamou uma criança de 5 anos e falou: “minha filha, a coitadinha não sabe de nada. Ensine a ela”. Aí eu percebi que estava aborrecendo a comerciante, tomando o tempo dela, ela se comove, me dá uma idade mental de 5 anos e pede à neta para me ensinar as coisas [risos]. Agora você é pago, faz concurso, e se aborrece com as perguntas...

Ou seja, o saber intelectual erudito está necessariamente articulado com o popular.